

O método Burckhardiano da História da Cultura

A história cultural emerge na tradição historiográfica alemã em posição de inferioridade frente à história política. Segundo Cassirer, em fins do século XIX, a escrita da história ainda estava nas mãos dos historiadores políticos, e os historiadores da cultura tinham que lutar para conseguir o seu espaço em campos menores, ainda não preenchidos.¹

A escolha de Burckhardt por uma abordagem histórica através da cultura colocou-o em oposição à grande parte dos historiadores do século XIX² - centrados em uma concepção eminentemente política da história e inseridos em concepções progressistas da mesma -, a ponto de ser considerado, na opinião de Karl Löwith, o “historiador mais crítico e conscientemente selectivo do século XIX.”³

O século XIX foi de extrema relevância para a consolidação dos Estudos Históricos, tornando-se conhecido como “o século da história”. As discussões em torno dos métodos, das abordagens e dos objetos colaboraram para que, nesse período, se formassem as bases da historiografia tal como a conhecemos.

No entanto, para Burckhardt a pesquisa histórica da sua época encontrava-se em uma crise que levava cada um a percorrer os seus próprios caminhos.⁴ Descrente com a prática acadêmica da história, com as interpretações progressistas da mesma e com os métodos “científicos” utilizados por seus pares, Burckhardt defende as vantagens do estudo do passado por meio da contemplação e da reflexão.

¹ CASSIRER, Ernst. Historiografia Política e Historia de la Cultura. Jacob Burckhardt. In: *El Problema del Conocimiento*. En la Filosofía e en la Ciencia Modernas. Vol. IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 379.

² Vale ressaltar, que no século XIX já existiam historiadores que pensavam a história para além de uma concepção política. Lionel Gossman chama a atenção para o fato de que os escritores do Iluminismo já haviam começado a criticar as narrativas tradicionais. Segundo ele, para muitos dos séculos das luzes, o essencial não era a narrativa, mas a reflexão do historiador acerca do material histórico. GOSSMAN, Lionel. *Basel in the age of Burckhardt: a study in unseasonable ideas*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2000, p. 251.

³ LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1991, p. 33.

⁴ Escreve Burckhardt: “De resto, todo o ensinamento histórico universitário encontra-se numa crise que pode levar cada um a escolher um caminho próprio. O interesse pela história depende, em alto grau, das oscilações do espírito ocidental, da orientação geral de nossa cultura; as antigas subdivisões tornaram-se insuficientes, tanto nos livros quanto na cátedra. Assim, temos completa liberdade de movimento.” BURCKHARDT, Jacob. *História da Cultura grega: Introdução*. Tradução Cássio da Silva Fernandes. In: MARTINS, Estevão (Org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

Segundo Felix Gilbert, a historiografia da cultura - a partir de meados do século XVIII e início do século XIX - seguira por dois caminhos distintos. Um vinculava-se ao Iluminismo e a concepção de desenvolvimento linear e constante do espírito humano. Nesse sentido, usando as palavras de Francisco Falcon, a história seria a expressão concreta da “marcha da Civilização”⁵ e teria como propósito analisar as etapas do progresso do espírito do homem na história.⁶ O outro caminho estaria mais próximo do estudo do cotidiano de determinadas sociedades ou regiões, aquilo que hoje conhecemos como história social.

Na segunda metade do século XIX com a difusão da teoria da evolução, a partir do lançamento da *Origem das espécies* (1859) de Darwin, os herdeiros do Iluminismo passaram a associar sua noção de progresso ao evolucionismo Darwiniano. Com isso, a questão da cultura tornou-se ligada à questão da sobrevivência e diversos trabalhos passaram a utilizar a teoria da evolução para explicar o curso da História Mundial.⁷ Segundo Francisco Falcon:

Nesta espécie de paradigma a necessidade do “progresso” imprime um sentido unitário à “história universal” e faz da “civilização” ao mesmo tempo meta e valor excludente. Torna-se então possível pensar também em “civilizar”.⁸

O segundo grupo, o da história social, tinha como objeto favorito de pesquisa a história das cidades.⁹ No decorrer do século XIX, a abordagem da história cultural ligada ao estudo do cotidiano das sociedades passou a ser cada dia mais determinada pelo Romantismo, com sua crítica ao racionalismo Iluminista e pelo Nacionalismo, com a sua busca por estudar a alma ou o espírito de uma nação. A análise das atitudes e dos estilos de vida foi utilizada como

⁵ FALCON, Francisco. *História e Historia Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 66.

⁶ Segundo o dicionário Langescheidt, o termo *Zeitgeist* pode ser traduzido, para o português, como: espírito ou gênio de uma época. Dicionário Langescheidts Taschen - wörterbuch: Deutsch-Portugiesisch. Berlin und München: Langescheidt KD, 2001.

⁷ Cf: GILBERT, Felix. *History: Politics or Culture?* Reflections on Ranke and Burckhardt. Princeton University Press, 1990 e OLIVEIRA, Janaína Pereira. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade: Jacob Burckhardt e a Historiografia do Século XIX*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC, 2001, p. 58.

⁸ FALCON, F. *História Cultural*, op.cit., p. 68.

⁹ GILBERT, F. *History: Politics or Culture?*, op. cit., p. 83 e OLIVEIRA, J. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit., p. 58.

modelo para reconhecer e definir as características particulares de um povo ou de uma área.¹⁰

Segundo Felix Gilbert, nos primeiros anos de estudante de Burckhardt, período em que ele escreve o trabalho sobre Conrad von Hochstaden (1843), arcebispo e fundador da Catedral de Colônia, na Alemanha, para o seminário de Ranke, quando o suíço se refere à história cultural, sua noção é próxima a dos historiadores que priorizam o estudo da vida em sociedade, como Hullman em sua análise sobre a vida nas cidades da Idade Média¹¹. Posteriormente, a interpretação do que seria a história cultural, para Burckhardt, vai passando por transformações.

Para Gilbert, a obra *A Era de Constantino, o Grande* (1853) apresentaria particular importância no desenvolvimento do conceito de história da cultura Burckhardiano, pois, a partir desse livro, o suíço começaria a traçar o seu próprio caminho como historiador cultural¹². Teria sido nesse momento, também, que o basileense começara a atentar para o fato de que não poderia tratar um acontecimento do passado como algo separado, ou independente, do presente.¹³

No entanto a importância de *A Era de Constantino, o Grande*¹⁴ é limitada se comparada com o seu mais conhecido trabalho, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio* (1860)¹⁵ que passou a ser considerado sua obra-prima e um modelo quando se fala em história cultural. De acordo com o que escreve Peter Gay:

Em cerca de doze anos entre a concepção de *Zeit Constantins des Grossen* e a publicação de *Kultur der Renaissance*, com seu extraordinário guia para a arte italiana, *Cicerone*, degrau entre um e outro, Burckhardt alcançou um domínio definitivo sobre o seu material e seu estilo.¹⁶

Buscaremos na primeira parte desse capítulo trabalhar a hipótese de que, para Burckhardt, somente a abordagem cultural da história possibilitaria aos historiadores alcançar a compreensão do espírito, da totalidade de uma época ou

¹⁰ Ibidem.

¹¹ GILBERT, F. *History: Politics or Culture?*, op. cit., p. 47.

¹² Ibid., p. 51.

¹³ Ibid., p. 52.

¹⁴ BURCKHARDT, Jacob. *The age of Constantine the Great*. Berkeley: University of California Press, 1983.

¹⁵ BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália. Um ensaio*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁶ GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 152.

de um povo. Isso pode ser corroborado na medida em que ele defendeu a aceitação da subjetividade no relato histórico, acreditou na capacidade de englobar o contingente na história e postulou uma aproximação entre a história e a poesia.

4.1 Do Ensaio

Jacob Burckhardt costumava principiar seus cursos e obras descrevendo os objetivos e os procedimentos adotados nas suas investigações sobre o passado. O autor afirma, na Introdução do *História da Cultura Grega*, que o seu curso “é e seguirá sendo um ensaio, e que o professor, neste caso também ele, é estudante e companheiro.”¹⁷

Burckhardt não acreditava na possibilidade de encontrarmos verdades absolutas para a história, isso pode ser identificado ao observarmos a introdução do livro *A Era de Constantino, o Grande* (1853).¹⁸ Logo no prefácio, o historiador afirma que a obra trata-se de um esboço de uma época e deve ser entendida “não tanto como um relato histórico completo, mas como uma descrição integrada, do ponto de vista da história cultural.”¹⁹

Seguindo por um caminho semelhante, nas suas aulas publicadas sob o título de *Reflexões sobre a História Universal*, Burckhardt declara que irá renunciar a qualquer tipo de sistematização no campo da história, se satisfazendo somente com as observações genéricas sobre a mesma, tantas quantas forem surgindo.²⁰ Entretanto, é na sua obra clássica, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*, que as opções do historiador, pela recusa às conclusões determinantes sobre a história e a sua opção pela forma de escrita do ensaio, aparecem explicitadas de forma mais clara. Sobre isso, escreve Burckhardt:

É no verdadeiro sentido da palavra que esta obra carrega o título de um mero ensaio; seu autor tem suficientemente claro em sua consciência a modéstia dos meios e forças com os quais se encarregou de tarefa tão extraordinariamente

¹⁷ BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega: Introdução*. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 166.

¹⁸ No prefácio da primeira edição de *A Era de Constantino, o Grande*, o historiador declarou que o livro era um esboço onde buscava apresentar as principais características da época. BURCKHARDT, J. *The age of Constantine the Great*, op. cit.

¹⁹ BURKE, Peter. Introdução. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 21.

²⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, p. 10.

grande. Pudessem ele, contudo, contemplar com maior confiança sua pesquisa, tampouco estaria mais seguro do aplauso dos conhecedores. Os contornos espirituais de uma época cultural oferecem, talvez, a cada observador uma imagem diferente, e, em se tratando do conjunto de uma civilização que é a mãe da nossa e que sobre esta ainda hoje segue exercendo a sua influência, é mister que juízo subjetivo e sentimento interfiram a todo momento tanto na escrita quanto na leitura desta obra.²¹

Ao afirmar que a sua obra filia-se à tradição ensaística, Burckhardt não está somente recorrendo ao recurso retórico da falsa modéstia. O historiador ao eleger esse estilo literário procurou, verdadeiramente, imprimir um tom pessoal, informal e agradável a sua escrita e acreditou na possibilidade da existência de diferentes interpretações para um período histórico.

Como escreve Peter Gay, Burckhardt “não tinha hesitações e não se comprazia em sublinhar as dificuldades da sua tarefa.”²² Na sua correspondência, ele frequentemente registrava a sua falta de tempo para escrever, pois costumava estar ocupado com as suas aulas. Em uma carta endereçada a Heinrich Scheiber, de agosto de 1859, escreve o historiador sobre *A Cultura do Renascimento na Itália*:

Minhas férias, das quais três quintos já se passaram, estão sendo destinadas a dar acabamento e corrigir meu livro (...). Tão logo a impressão seja concluída, eu lhe enviarei uma cópia. Meu querido e velho amigo sem dúvida sorrirá e balançará a cabeça ante trabalho tão diletante, mas com certeza reconhecerá que o autor não economizou preocupação e suor. Trata-se de uma planta inteiramente selvagem, que não depende de qualquer coisa que já exista. Um elogio que gostaria de receber de seus lábios, a saber: que o autor resistiu firmemente a muitas oportunidade de deixar a sua imaginação vagar e, honradamente, ateu-se às suas fontes. Também penso que mereço algum louvor por não ter feito o livro três vezes mais grosso do que é. Teria sido a coisa mais fácil do mundo – e provavelmente me renderia mais respeito entre muitas pessoas; bastava que eu cedesse à minha natural loquacidade, e teriam sido cem em vez de trinta e cinco folhas.²³

Após a publicação de *A Cultura do Renascimento na Itália*, Burckhardt decide que não irá publicar mais livros. Dentre os motivos podemos listar o seu desinteresse pela cena literária, sua impaciência com as disputas entre os acadêmicos e, por fim, seu desencanto com a sociedade.²⁴ Em uma carta datada de

²¹ BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 36.

²² GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 137.

²³ Carta de 1º de agosto de 1859 a Gottfried Kinkel, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 244.

²⁴ LIMA, L. Alguém para se conhecido. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 17.

outubro de 1874 a Bernhard Kugler²⁵, o historiador afirma que “o erudito ofício de escrever o que quer que seja é um dos métiers menos saudáveis que existem.”²⁶

Entre as particularidades de um ensaio, destacadas por Theodor Adorno no seu texto *O ensaio como forma*²⁷, destacam-se a liberdade de espírito, a inexistência de um princípio primeiro ou um fim conclusivo, a incorporação de um impulso assistemático no seu modo de proceder, a estruturação em fragmentos e a renúncia a certezas incontestáveis. Tais características aproximam-se daquelas prezadas por Burckhardt na escrita das suas obras. Sobre o ensaio escreve Adorno:

o ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva (...). O ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma (...).²⁸

O historiador, ainda jovem, com 24 anos, assume o compromisso de imprimir em seus textos uma escrita aprazível e não enfadonha, diferente daquela adotada, em sua visão, pelos historiadores alemães do seu tempo. Em uma carta datada de 21 de março de 1842, a Gottfried Kinkel, declara ele:

Um voto eu fiz: o de tentar escrever em estilo legível por toda a minha vida, e sempre ter como objetivo o que é interessante, em vez de uma seca, factual perfeição. É realmente uma vergonha; o trabalho da maioria dos historiadores alemães é lido apenas por eruditos (...). As pessoas estão sempre falando sobre a arte de escrever história, e muitos pensam que fazem o suficiente quando substituem as sentenças labirínticas de Schlosser pela seca narração dos fatos. Mas, não, meu querido camarada, é uma questão de peneirar os fatos, de seleccionar o que pode interessar aos homens. Se você conseguir alcançar algo nessa direção, até as traças de livros irão lhe agradecer.²⁹

Poderíamos dizer que Burckhardt conseguiu. O historiador como um *Cicerone*, título de um dos seus livros, nos guia por toda a grandeza da sua obra, proporcionando-nos a sensação de entrar em contato com o passado. Além disso,

²⁵ Filho de seu ex-professor na Universidade de Berlim, Franz Kugler.

²⁶ Carta de 5 de outubro de 1874 a Bernhard Kugler, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 300.

²⁷ ADORNO, Theodor. *O ensaio como forma*. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p.15-45.

²⁸ *Ibid.*, p. 25.

²⁹ Carta de 21 de março de 1842 a Gottfried Kinkel, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 158.

podemos afirmar que a escolha de Burckhardt pela forma do ensaio se associa à sua concepção de história, à sua opção pela história cultural e à sua crença na presença da subjetividade no conhecimento histórico.

Publicado em 1885, o *Der Cicerone: Eine anleitung zum Genuss der Kunstwerke Italiens* (O Cicerone: Introdução para a Fruição das Obras de Arte da Itália)³⁰ é resultado, segundo o autor, de uma viagem de treze meses pela Itália e mais quatro meses de trabalho subsequentes.³¹ O termo *Genuss*, utilizado no subtítulo do livro, ressalta a compreensão de Burckhardt de que o estudo do passado, deveria possibilitar ao homem, através de uma dimensão de gozo e fruição, a apreensão da totalidade do espírito de uma época³².

O historiador buscava dirigir-se diretamente ao leitor, diferenciando-se da postura distante, adotada por parte dos acadêmicos do século XIX. Conforme afirma Peter Gay, nos textos de Burckhardt “o leitor se depara com o historiador por toda parte, seja ‘em seus adjetivos, nos epigramas, nos parágrafos introdutórios, nos recursos de transição, em seus vigorosos juízos sobre homens, ideias e ações.’”³³

Assim, como um companheiro de percurso,³⁴ Burckhardt nos conduz de forma sábia e cuidadosa por suas interpretações do passado. Em *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*, por exemplo, o historiador nos proporciona uma viagem pelo mundo do Renascimento Italiano. Como um guia, ele nos incita a dividir com ele: o seu interesse pelas grandes obras artísticas; pelos costumes; a língua; os trajes; as festas; a religião; a sociabilidade; as formas de poder e os mais diversos aspectos do Renascimento Italiano. Como coloca Peter Gay:

Burckhardt oferece-se como um guia para o leitor. Com voz firme e a mão no braço de seu convidado, ele o conduz pelo cintilante palácio povoado do passado, parando aqui e ali, avançando com segurança, segundo um plano preconcebido de

³⁰ BURCKHARDT, Jacob. *Der Cicerone: Eine anleitung zum Genuss der Kunstwerke Italiens*. Leipzig: Verlag. Disponível em: <https://archive.org/details/dercicerone01burcgoog>. Acesso em: 01/05/2014.

³¹ Carta de 15 de fevereiro a Otto Mundler, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 258.

³² Cf: OLIVEIRA, Janaína Pereira. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC, 2001, p. 98 e GOSSMAN, Lionel. *Kulturgeschichte, Kunstgeschichte, Genuss: History and Art in Burckhardt*. In: Humanities Research Center. Disponível em: <http://www.rice.edu/culture/Gossman.html>. Acesso em: 01/05/2014.

³³ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 138.

³⁴ Como já citado, na Introdução a História da Cultura Grega, Burckhardt afirma que enquanto professor, ele se coloca também como um estudante e companheiro. BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega: Introdução*. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p.166.

aposento para aposento e de andar para andar, pontilhando o itinerário com pequenos gestos de orientação (...).³⁵

4.2

Do Estudo da História

O verdadeiro interesse de Burckhardt concentrava-se em, através de um enfoque histórico-cultural, reconstruir uma unidade, uma representação de um momento histórico. Buscando não fazer concessões às exigências factuais que predominavam no século XIX, o historiador procurava em seus estudos compreender o espírito de uma era ou de um povo em sua peculiaridade, e não simplesmente relatar os fatos conforme eles aconteceram. Diz ele, “o indivíduo particular e o assim chamado acontecimento serão citados apenas como testemunho do universal, (...) a realidade de fato que procuramos é constituída pelos modos de pensar, também estes são fatos históricos.”³⁶

Burckhardt amplia a noção de fontes históricas, abrindo espaço para que narrativas orais, poesias, novelas, anedotas, lendas, contos populares, discursos, relatos, obras de arte e os mais diversos testemunhos do passado se tornem objetos de investigação histórica. Para ele, as obras de arte constituem a expressão mais pura do espírito humano, sobretudo no que diz respeito aqueles períodos mais distantes.

O historiador também se desliga das reivindicações de veracidade das fontes, ao constatar que muitas vezes uma fonte identificada como falsa, ou fruto da imaginação de um povo, possa dizer mais de uma época do que os seus documentos oficiais. Sobre isso escreve ele:

(...) O desejado e permitido é, portanto, mais importante que o acontecido; a ideia é importante como qualquer atitude, pois em determinado momento se exprimirá exatamente em ação: “Se primeiro indaguei o íntimo de um homem, conheço também sua vontade e sua ação”. Mas, ainda quando um fato a nós relatado não aconteceu na realidade, ou aconteceu de modo diferente, a ideia que o revela como acontecido ou acontecido de uma dada forma conserva o seu valor pelo caráter típico da descrição (...).³⁷

³⁵ GAY, P. *O Estilo na História*, op. cit., p. 140.

³⁶ BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega*: Introdução. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 168.

³⁷ Ibid., p. 169.

Ao contrário dos historiadores políticos da sua época, Burckhardt acreditava que o historiador deveria ater-se a diferentes assuntos e pesquisar as mais diversas obras. Constituindo-se como fontes desse historiador polígrafo, não somente as informações oficiais, mas “todo o universo da literatura e dos monumentos artísticos mundiais.”³⁸

Burckhardt recomenda que os historiadores priorizem em suas pesquisas, sempre que possível, os documentos originais. Do mesmo modo, o historiador destaca a necessidade do conhecimento de línguas estrangeiras, no estudo de tais documentos. O suíço acredita que os contratempos e as atrações pelos quais passará o intelecto do pesquisador, ao trabalhar com essas fontes, colaborarão para que ele desenvolva maior compreensão de seu objeto de estudo, uma vez que “não podemos esperar que o trabalho intelectual seja somente fonte de contínuo prazer.”³⁹ Segundo ele:

Em resumo, o que nos deve levar a ler inteiramente os autores é a convicção de que o que é importante para nós somente nós o poderemos encontrar. Nenhum manual de comentários do mundo, com suas citações, poderá substituir aquela combinação química que uma frase descoberta por nós forma com a nossa atenção e o nosso pressentimento, de modo a passar verdadeiramente a fazer parte do nosso patrimônio espiritual.⁴⁰

Não obstante, mediante a uma grande dificuldade na interpretação de uma fonte, ou na falta das originais, o historiador autoriza a troca destas por fontes indiretas, traduções e comentadores, cabendo ao pesquisador fazer uso do intelecto para conectá-las às fontes originais.

No que diz respeito à escolha de fontes, podemos afirmar que na visão de Burckhardt, um único documento, escolhido da maneira certa, poderá vir a substituir a importância de todos os demais. Conforme ele afirma, “uma única linha de um autor, insignificante no restante de sua obra, poderá iluminar-nos de tal maneira que este momento se torne decisivo para toda a nossa evolução.”⁴¹ Porém, para se alcançar essa fonte ou esse trecho, o historiador deixa claro que é preciso procurar arduamente e crer que em meio ao acúmulo infinito de

³⁸ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, p. 27.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega*: Introdução. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 175.

⁴¹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 28.

documentos históricos “encontram-se enterrados tesouros de conhecimentos humanos.”⁴²

Respondendo a questão por onde começar a exposição de um tema? Burckhardt afirma “sempre de algum lugar (...), visto que as coisas têm, por toda parte, contatos recíprocos, são inevitáveis as repetições.”⁴³ Contudo, devemos deixar de lado as coisas inúteis, ou seja, aquilo que não tem uma relação imediata com o modo de pensar e a intuição.

O método de trabalho proposto por Burckhardt consiste em, nada além, da leitura contínua e exaustiva das fontes do período em sua totalidade, pois para ele, “frequentemente, o elemento mais importante se encontra no ponto mais remoto.”⁴⁴ Afirma Burckhardt, no *Reflexões sobre a História Universal*, sobre o modo de leitura das fontes:

(...) ler novamente desde o princípio, anotando depois de cada linha lida, reservando uma segunda série de anotações sobre todo o material, especificando tudo aquilo que lhe pareça digno de nota ou estranho, ainda que sejam somente indicações genéricas sobre o assunto tratado nos capítulos, seguindo a numeração das páginas com duas palavras referentes a seu conteúdo. No decurso dessas anotações, podem surgir então um segundo e terceiro objetivos, bem como podem resultar linhas paralelas e contrastantes, ao ser comparado esse documento com outros etc.⁴⁵

No entanto, o historiador afirma que mesmo com a realização dessas múltiplas leituras, ainda assim, o resultado “dependerá do tempo, do seu estado de ânimo, de sua fadiga, e, sobretudo, do grau de amadurecimento do seu trabalho de investigação.”⁴⁶ Segundo ele, “apenas a sutil atenção, acompanhada de uma tenaz e uniforme diligência, nos conduzirá ao propósito.”⁴⁷

No que concerne à seleção dos fatos, essa seria praticada através da “importância proporcional”, do valor que os fatos do passado adquirem dentro da esfera de um determinado estudo para caracterizar uma época. Essa importância, segundo Burckhardt, seria oriunda do interesse, da imaginação e da ligação do espírito do historiador com os eventos do passado. Para o Burckhardt, o

⁴² Ibid.

⁴³ BURCKHARDT, Jacob. *História da Cultura grega*: Introdução. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 171.

⁴⁴ Ibid., p. 174.

⁴⁵ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 30.

⁴⁶ BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega*: Introdução. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 170.

⁴⁷ Ibid.

procedimento de importância proporcional consistiria em uma das vantagens que o tratamento histórico cultural proporcionaria, pois procedendo por reagrupamentos, ele:

destaca aqueles fatos que podem encontrar uma verdadeira ligação com o nosso espírito, despertar em nós uma verdadeira participação, tanto por afinidade quanto por contraste. O que se deixa de lado é a escória.⁴⁸

A relação entre presente e o passado é um elemento crucial no conceito de cultura dado por Burckhardt.⁴⁹ Para o suíço, cada período histórico contribui para a formação de um testemunho da História Universal que nos auxilia a compreender o presente e preservar as manifestações humanas. Como escreve Costa Lima:

(...) embora Burckhardt fosse fiel ao rigor da pesquisa nos arquivos, aprendida de seus mestres, longe de cultivar uma suposta neutralidade e sem recair no que chamará de “ilusão de ótica”, seu interesse no passado sempre se relacionava com o presente. Para falar como Koselleck, era o “futuro do passado” que guiava sua escolha.⁵⁰

Em diversos momentos de sua obra, Burckhardt afirma que um mesmo estudo feito por diferentes pesquisadores, apresentaria resultados distintos. Diz ele, ainda que existam inúmeros trabalhos sobre o mesmo assunto, o histórico “se trata de um gênero de trabalho que nunca poderá estar acabado, nunca terminado de uma vez para sempre. A cada época aparece um passado de forma nova diferente.”⁵¹ Negando os padrões de cientificidade das ciências, o historiador dizia partir de um ponto de vista “não científico” nas suas investigações históricas.

Burckhardt questiona a pretensão dos pesquisadores de alcançarem verdades absolutas, destacando a presença da subjetividade, inclusive, na seleção e na análise dos documentos históricos. Para o autor, tanto a escolha de uma fonte, quanto o tratamento dado a ela pelo estudioso, constituem-se a partir de interesses pessoais. Sobre o ofício do historiador, afirma Burckhardt:

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ GILBERT, F. *History: Politics or Culture*, op. cit., p. 52.

⁵⁰ LIMA, L. Alguém para se conhecido. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 15.

⁵¹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 16.

O fato de que milhares de nós tenham já feito esse trabalho não nos poupa o esforço. Esse tipo de trabalho jamais está completo, não pode ser feito de uma vez por todas. Na verdade, cada época vê o distante passado de um modo novo e diferente; por exemplo, Tucídides poderia fazer referência a um fato como de primeira importância que só dentro de cem anos será assim reconhecido.⁵²

A compreensão e a aceitação da subjetividade na história se relaciona com a abordagem histórico-cultural do passado, proposta pelo historiador. Burckhardt acreditava na existência de diferentes pontos de vista, na relatividade dos resultados dos estudos históricos e na possibilidade de, ao invés de impormos resultados, formularmos hipóteses. Como observa Karl Löwith, “a honestidade de Burckhardt caracteriza-se por não apresentar uma falsa solução, limitando-se a referir o problema.”⁵³

Com relação aos grandes homens, para Burckhardt, a “noção de grandeza” estava estritamente associada à capacidade destes de executarem ações que seriam inconcebíveis sem eles. Os grandes homens seriam insubstituíveis para o historiador pois, dotados de uma força intelectual ou moral, fariam a ligação entre o indivíduo e o universal, a humanidade como um todo.

Burckhardt alerta para as dificuldades de julgarmos a “grandeza de um indivíduo” e para o caráter problemático dessa definição. Uma vez que “a grandeza é tudo aquilo que nós não somos”⁵⁴ e os nossos critérios de julgamento, às vezes morais ou intelectuais, são incertos, desiguais e influenciados por fatores pessoais.

No entanto, diz o historiador, a noção de grandeza é indispensável ao ser humano e não devemos privar-nos dela. Segundo Burckhardt, os grandes homens como Ésquilo, Fídias, Platão, Rubens e Rafael carregariam consigo uma força criadora que se comunicaria com o gênio universal e as suas obras sobreviveriam, ao passar do tempo “à vista de todos, em suas construções, estátuas e pinturas.”⁵⁵

Para Burckhardt, a verdadeira grandeza constituiria um mistério e os grandes homens seriam aqueles que “continuam a exercer a sua influência mágica sobre nós, através dos séculos e dos povos, independentemente dos meros depoimentos escritos que tenhamos, que nos atestam a sua grandeza.”⁵⁶

⁵² Ibid.

⁵³ LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1991, p. 42.

⁵⁴ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 212.

⁵⁵ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 153.

⁵⁶ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 214.

O historiador tinha um aguçado senso de fragilidade das coisas (como ele mesmo reconhece em sua correspondência),⁵⁷ oriundo tanto de acontecimentos pessoais, como da percepção da política conturbada do seu tempo. Contrário às teorias deterministas das filosofias da história, ele não acreditava em leis gerais e nem que algo precisava acontecer, exclusivamente, de uma determinada forma, abrindo espaço às incertezas, para o contingente no campo da história.

Através de seus textos e cursos, Burckhardt desejava ensinar a *Kulturgeschichte* (história da cultura), uma vez que, como um homem da *Bildung*, afirmava ser o “dever da pessoa culta ampliar o quadro da continuidade do desenvolvimento do mundo em si mesmo e, como participante observador pensante no fluxo da história preservá-lo.”⁵⁸

Procurando traçar panoramas espirituais das épocas passadas, Burckhardt acreditava que o historiador deveria “educar o olhar”, para, daí, procurar tendências, parâmetros, identificar continuidades em meio às mutações históricas. Para ele, a recordação das épocas passadas é algo inerente ao espírito humano.

A continuidade tinha um papel importante na preservação das tradições e das manifestações artísticas estimadas por Burckhardt. O historiador era contra as rupturas e as mudanças pelas quais passava o seu século, buscando em suas investigações, identificar uma unidade cultural para um determinado período histórico. O suíço acreditava que o estudo da história deveria se pautar nas continuidades, nos fatos gerais, naquilo que “sempre se repete como mais importante do que aquilo que aconteceu uma única vez!”⁵⁹

Com o intuito de montar quadros históricos, prezando a “beleza da coesão orgânica”⁶⁰, Burckhardt procura em suas obras como, por exemplo *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*, apresentar uma unidade para uma determinada época, e para isso faz uso de diversos recursos estilísticos.

⁵⁷ “Penso que um homem na minha idade raramente pode ter experimentado uma sensação tão vívida da insignificância e da fragilidade das coisas humanas, enquanto vinculadas meramente ao indivíduo. Mas meu respeito pelo universal, pelo espírito das nações e pelo passado aumentam na mesma proporção.” Carta de 10 de junho de 1844 a Herman Schauenburg, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 192.

⁵⁸ SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 85.

⁵⁹ BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega*: Introdução. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 170.

⁶⁰ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 156.

Através de uma escrita que utiliza pouco a noção de tempo diacrônica - tão cara aos historiadores políticos - e prioriza, sobretudo, os quadros sincrônicos, o historiador buscava estudar o passado por meio de enfoques temáticos, sem se preocupar com as origens, as causas ou o progresso. O objetivo de Burckhardt, segundo Peter Burke, era através de “cortes transversais” retratar um período, enfatizando o que lhe é “recorrente, constante, típico,”⁶¹ mas também o extraordinário.

Podemos notar um contraste entre a violência presente nos escritos de Burckhardt e a moderação da vida do historiador. Após a sua juventude romântica, Burckhardt tornou-se um catedrático solitário, contido e respeitável, Conforme descreve Peter Burke, “como um bom suíço republicano à moda antiga, ele não apreciava a pompa e a pretensão, expressando essa postura em seu estilo de vida.”⁶² No entanto, segundo Peter Gay, da mesma forma que os demais seres humanos “Burckhardt nutria anelos secretos por uma sensualidade ilícita”⁶³. Entretanto, ele “negava tais impulsos com uma energia maior do que a maioria dos homens.”⁶⁴

Em *A Cultura do Renascimento na Itália*, por exemplo, podemos observar o profundo fascínio do historiador pela “violenta história política da Itália”⁶⁵. Burckhardt nos relata com detalhes as lutas pelo poder entre os déspotas renascentistas, o egoísmo dos tiranos, a vida dos condottieres, as brigas entre as famílias nobres, as conspirações, a busca pela fama, o tiranicídio, etc. A opção por uma vida controlada e modesta não se refletia em seus escritos, pois em seus estudos, Burckhardt se interessava pelos excessos dos homens italianos, por suas extravagâncias, defeitos e crueldades.

⁶¹ BURKE, P. Introdução: Jacob Burckhardt e o Renascimento Italiano. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 23.

⁶² Ibid., p. 17.

⁶³ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 150.

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ BURKE, P. Introdução. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 26.

4.3

Da *Anschauung* como procedimento para a apreensão do conhecimento histórico

Jacob Burckhardt afirma em sua correspondência não ter capacidade para pensar filosoficamente. Igualmente diz que as especulações de outro homem jamais poderiam satisfazê-lo ou ajudá-lo.⁶⁶ Em uma carta, já citada, endereçada a Karl Fresenius, escreve ele:

Apesar de ser um filósofo, você deve me permitir dizer a seguinte verdade: um homem como eu, que é ao mesmo tempo incapaz de especular e que não se entrega a pensamentos abstratos nem por um minuto que seja durante o ano inteiro, age melhor se investigar e esclarecer as questões mais importantes de sua vida do modo que lhe for natural. Meu juízo é a contemplação a cada dia mais clara e mais direcionada ao essencial.⁶⁷

No entanto, essa suposta incapacidade do historiador com relação à especulação nos parece muito mais proveniente da sua descrença, e, conseqüentemente, de seu desinteresse pelas explicações Filosóficas da História do que fruto de uma possível inabilidade sua, nesse âmbito.

Burckhardt acreditava que, uma vez que “não fomos iniciados nos desígnios da sabedoria eterna”, essa “audaz antecipação de um plano mundial” proposta pelas Filosofias da História nos “conduz a erros, a partir de premissas errôneas.”⁶⁸ Como substituto ao pensamento abstrato, o historiador adota e defende a *Anschauung* como um procedimento para o estudo da história. Como afirma Alberto Coll, o Burckhardt:

traçou uma contundente distinção entre filosofia racional ou “especulação”, conectada com pensamentos sobre ideias abstratas, e contemplação, derivada do amor e da maravilha diante da beleza e da complexidade dos seres humanos e seus feitos. Burckhardt via-se a si mesmo como um historiador contemplativo em vez de filosófico.⁶⁹

Burckhardt, ainda jovem, elege como mestres homens como Franz Kugler, então professor de história da arte na Universidade de Berlim e Arthur Schopenhauer, filósofo alemão e autor de *O Mundo como Vontade e*

⁶⁶ Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op., cit, p. 164.

⁶⁷ Ibid., p. 163.

⁶⁸ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*. op. cit., p. 11.

⁶⁹ COLL, A. Introdução à edição do Liberty Fund. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*. op. cit., p. 40.

*Representação*⁷⁰. Ambos eram contrários à abstração filosófica e à Filosofia da história, sob os moldes hegelianos.

Cássio Fernandes afirma que “de Franz Kugler provém, certamente o traço de maior importância na formação de Burckhardt como historiador da arte.”⁷¹ Burckhardt faz uma declaração semelhante, em uma carta de 16 novembro de 1860 - escrita quase dois anos e meio após o falecimento de Franz Kugler -, endereçada ao amigo Paul Heyse:

Mas, então, tente escrever história cultural sem ninguém ao seu lado para sacudi-lo e puxar sua orelha (...). As qualidades que possuo, adquiria-as de Kugler, que tinha uma percepção para o que era essencial, mesmo naquelas esferas em que era um diletante, pois sabia como despertar o interesse nelas. Meu Deus, como é presunçosa e fácil de persuadir a maioria dos (até mesmo) grandes especialistas se comparada a ele! Uma visão panorâmica como a de Kugler naturalmente iria apenas perturbá-los e arruinar o tipo de trabalho que fazem. E eles gostam de ignorar a qualidade do seu conhecimento mesmo nesse campo específico.⁷²

Burckhardt fora aluno de Kugler na Universidade de Berlim e posteriormente trabalhou na revisão dos manuais-histórico-artísticos de História da Pintura e da Arte, de seu ex-professor⁷³. Kugler era contrário à especulação filosófica e acreditava que deveríamos conhecer a história por meio da *Anschauung* (contemplação intuitiva). De acordo com o que escreve Cássio Fernandes:

Franz Kugler, por sua vez, através da empiria e da contemplação (*Anschauung*) teria pretendido construir uma visão totalizante da ação do homem no mundo, descrevendo os produtos concretos de seu constante fazer. Kugler, portanto, teria eleito as obras de arte para descrever o grandioso processo histórico como reflexo da própria imagem do homem nas diferentes épocas da história.⁷⁴

Esse procedimento proposto por Kugler, o qual sugere uma apreciação direta dos objetos, submetida à complexidade histórico-cultural, apresenta uma

⁷⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

⁷¹ FERNANDES, Cássio da Silva. *As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler (1848)*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 99-124, jan./jun. 2005.

⁷² Carta de 16 de novembro de 1860 a Paul Heyse in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., pp. 246-247.

⁷³ Para maiores informações sobre o relacionamento entre Jacob Burckhardt e Franz Kugler ver: Capítulo I, item 2.2 – “Do caminho para a História, da recusa à religião”, pp. 19-20.

⁷⁴ FERNANDES, C. *As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler (1848)*, op. cit., p. 118.

evidente semelhança e uma grande influência na concepção de história cultural que Burckhardt irá desenvolver ao longo da sua vida.

Arthur Schopenhauer era admirado tanto por Jacob Burckhardt quanto por Friedrich Nietzsche.⁷⁵ Em uma de suas cartas Nietzsche afirma que em seus passeios e conversas confidenciais era comum eles se referirem a Schopenhauer como o “nosso Filósofo.”⁷⁶ Cassirer chama a atenção para afinidade de pontos de vista entre as ideias de Schopenhauer e Burckhardt, segundo o historiador a obra do Filósofo despertou fortes ecos na historiografia Burckhardtiana.⁷⁷ Schopenhauer negava a existência de uma Filosofia da História, pois segundo o filósofo, caberia à Filosofia a investigação da essência das coisas, essência essa que não possuiria uma história.⁷⁸

Tanto para Schopenhauer como posteriormente para Burckhardt, a Filosofia da História seria uma contradição de termos, uma vez que competiria à história a coordenação dos eventos do passado e a Filosofia a subordinação destes a um princípio atemporal. Schopenhauer discordava das ideias de Hegel e buscava se contrapor ao otimismo da Filosofia da História hegeliana, em suas obras. Os dois filósofos lecionaram no mesmo período na Universidade Berlim, contudo Schopenhauer desprezava Hegel, cujo pensamento ele buscou contestar ao longo da sua vida.

Burckhardt criticava as concepções preconcebidas da história e, acompanhando Schopenhauer, duvidava das interpretações científicas do passado. Ambos acreditavam que seria a arte e não a ciência que ofereceria ao homem uma verdadeira visão das ideias. Conforme escreve Cassirer, segundo Schopenhauer os

⁷⁵ Friedrich Nietzsche é nomeado, em 1869, professor de filologia na Universidade da Basileia. Logo após a sua chegada, Nietzsche ainda jovem, conhece Jacob Burckhardt, tornando-se, inclusive, seu vizinho. Para maiores informações sobre a relação entre Nietzsche e Burckhardt consultar: CHAVES, Ernani. *Cultura e política: o jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt*. In: Cadernos de Nietzsche. São Paulo, n. 9, p. 41-66. Departamento de Filosofia da USP, 2000 e capítulo I, item 2.5 “Da relação com Friedrich Nietzsche”, pp. 30-33.

⁷⁶ Ontem à noite, tive o prazer, que gostaria de ter compartilhado com você acima de todos, de ouvir uma palestra de Jacob Burckhardt. Ele deu uma palestra sem anotações sobre a grandeza histórica que se situa inteiramente dentro de nossos pensamentos e sentimentos. Esse incomum homem de meia-idade realmente não tenta falsificar a verdade, mas encobri-la, apesar de que, em nossos passeios e conversas confidenciais, ele chama Schopenhauer de ‘nosso filósofo’. Trecho da carta de Nietzsche a Von Geersdorff de 1870. DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 83.

⁷⁷ CASSIRER, E., op. cit., p. 391.

⁷⁸ Ibid., p.389.

métodos da ciência empírica e a abstração científica deveriam ser superados pela contemplação e a intuição.⁷⁹

Para Schopenhauer, nós alcançaríamos a essência das coisas através da contemplação que permitiria, por meio de uma fusão com o objeto, um desprendimento da individualidade do sujeito. A contemplação, intrínseca ao gênio, para o filósofo independeria dos princípios da razão e representaria a possibilidade de se escapar por alguns momentos do mundo da vontade. Segundo ele:

É apenas através desta contemplação pura e completamente absorvida no objeto que se concebem as ideias; a essência do gênio consiste em uma preeminente aptidão para esta contemplação; ela exige um esquecimento completo da personalidade e das suas relações; assim a genialidade é apenas a objetividade mais perfeita, isto é, a direção objetiva do espírito, oposta à direção subjetiva que termina na personalidade, isto é na vontade. Por conseguinte, a genialidade consiste em uma aptidão para se manter na intuição pura e aí se perder, para libertar da sujeição da vontade o conhecimento que lhe estava originalmente submetido; o que se resume em perder completamente de vista os nossos interesses, a nossa vontade, os nossos fins: devemos durante um tempo, sair inteiramente da nossa personalidade, ser apenas o puro sujeito que conhece (...).⁸⁰

A questão da especulação filosófica e a substituição desta pela contemplação também é essencial para Burckhardt. O historiador acreditava ser possível chegar ao conhecimento histórico através da Anschauung, que consistiria não só em um direito e dever, mas em uma necessidade espiritual de alto grau, que representaria a nossa liberdade em meio ao fluxo de necessidades que nos circundam.⁸¹ Sobre a contemplação ele escreve em uma das suas cartas endereçada ao teólogo Willibald Beyschlag, escrita em 1842:

Afinal, você já deve ter percebido a unilateral inclinação de minha natureza para a contemplação. Por toda a minha vida nunca pensei filosoficamente, e nunca tive um único pensamento que não fosse conectado com algo externo. Não posso fazer coisa alguma, a menos que tenha a contemplação como ponto de partida. E, é claro, incluo na contemplação a contemplação espiritual, como por exemplo a contemplação histórica advinda da impressão que recebemos das fontes. O que eu construí historicamente não é resultado de críticas e especulação, mas, ao contrário, da imaginação que preenche a lacuna da contemplação.⁸²

⁷⁹ Ibid., p. 390.

⁸⁰ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*, op. cit., p. 195.

⁸¹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 17.

⁸² Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 162.

No que diz respeito ao termo *Anschauung*, Alexander Dru ressalta que a expressão é mais facilmente entendida do que definida e que Goethe a havia usado com o mesmo sentido genérico que Burckhardt⁸³. A palavra alemã *Anschauung* traduzida para o português assume diferentes significados. Alguns deles são: imagem clara; impressão nítida; intuição; contemplação; visão; concepção; conceito; noção; opinião; parecer; ideia e experiência própria⁸⁴. Nesse estudo optamos por traduzir o termo *Anschauung* por contemplação intuitiva, devido acreditarmos ser essa a tradução que melhor descreveria o que Burckhardt queria expressar, ao utilizar o termo⁸⁵.

Burckhardt procurou, por meio da *Anschauung* e das suas reflexões sobre a história e a arte, formular uma base teórica e metodológica diferente da adotada pelos historiadores políticos da sua época. Isso não quer dizer que o historiador tivesse pretensões científicas⁸⁶ ou desejasse criar uma escola⁸⁷, a sua escolha por esse tipo de abordagem relaciona-se muito mais com a sua opção pela História Cultural, do que com uma preocupação consciente em estabelecer algum tipo de escola metodológica.

Burckhardt, influenciado dentre outras coisas, pelo seu trabalho como historiador da arte decidiu tomar como “método de pesquisa” um procedimento mais próximo daquele que seria utilizado na análise das obras de arte, a *Anschauung*. Buscando esclarecer o que seria a *Anschauung* Burckhardiana, essa mistura de contemplação e intuição, iremos pormenorizar alguns de seus aspectos, com base nas indicações que os escritos do historiador nos fornecem e na bibliografia de apoio.

No que concerne à definição da *Anschauung* como contemplação, Burckhardt afirma, em uma de suas cartas, ter uma inclinação natural para a

⁸³ DRU, A. “Introdução”. In BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 87.

⁸⁴ Ver: TOCHTROP, Leonardo. *Dicionário alemão-português*. São Paulo: Globo, 2006; *Dicionário alemão-português*. Porto Editora, 2000 e Langenscheidts Taschen - wörterbuch: Deutsch-Portugiesisch. Berlin und München: Langenscheidt KD, 2001.

⁸⁵ Nesse estudo, seguindo Peter Gay e Janaína Pereira de Oliveira, optamos por definir a *Anschauung*, como apreensão intuitiva e contemplativa da realidade. GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 160 e OLIVEIRA, J. *A História da Cultura como Crítica à Modernidade*, op. cit., p. 80.

⁸⁶ Escreve Burckhardt: “Partimos de um ponto de vista não científico e não temos método algum, pelo menos não os trilhados pelos outros.” BURCKHARDT, J. *História da Cultura grega*: Introdução. Tradução Cássio da Silva Fernandes. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 171.

⁸⁷ Diz Burckhardt: “Nunca fundarei uma escola!” Carta de 30 de novembro de 1862 a Paul Heyse, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 249.

contemplação⁸⁸. Segundo o historiador todo o seu trabalho histórico, sua paixão por viajar e seu interesse pelas artes emanam de uma enorme sede por contemplação.⁸⁹

A declarada inclinação de Burckhardt para a contemplação não se resume somente à sua relação com a história e a arte. Afinal, Burckhardt desprezava os homens exclusivamente ativos e, no decorrer da sua vida, sempre priorizou a contemplação como atividade mais profunda e primordial do homem. Entretanto, seria uma simplificação caracterizarmos a vida de Burckhardt unicamente como contemplativa. Procurando fugir dos maniqueísmos, entendemos ser importante ressaltar que o historiador, ao mesmo tempo em que não participava na linha de frente dos acontecimentos, também não ficava impassível diante do que ocorria ao seu redor. Burckhardt buscava ao seu modo, por meio de seu trabalho como professor e escritor, preservar aquilo que mais prezava, a tradição cultural da velha Europa.

No que tange à Anschauung contemplativa, como método para a pesquisa histórica, seguindo as pistas fornecidas por Peter Gay, concebemos que Burckhardt ao utilizar o termo Anschauung, o emprega muito mais próximo do seu sentido literal de inspeção visual do que de um sentido puramente espiritual, uma vez que, um dos aspectos de “importância crucial de seu método era ver com seus próprios olhos.”⁹⁰

Com relação à definição do termo Anschauung como intuição, acreditamos que a abordagem Burckhardtiana da história, por meio desta, consistiria na busca do historiador por uma forma de obtenção do conhecimento diferente da presente entre os filósofos da História, dos quais ele discordava. Para Burckhardt, “a intuição era o ponto de partida para a investigação.”⁹¹

Burckhardt acreditava na intuição como procedimento para a investigação dos mistérios do passado, de modo semelhante ao que postulavam os românticos

⁸⁸ Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 162.

⁸⁹ Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Ibid.*, p. 163.

⁹⁰ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 162.

⁹¹ Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 162.

de Iena⁹², com relação à importância da intuição no processo de conhecimento de um objeto. Conforme escreve Márcia Gonçalves:

Na verdade, a grande revolução estabelecida principalmente pela estética romântica está na ampliação do conceito Kantiano de intuição intelectual, como forma de conciliação entre conhecimento e sensibilidade, como expressa também o conceito de Sinn, ou sentido, presente nas estéticas de Schlegel, de Schelling e também de Hegel. O duplo sentido de Sinn, tanto racional como sensível expressa a própria ideia romântica de que a arte é não imitação da natureza, mas a revelação mesma da verdade.⁹³

Além disso, podemos notar outras afinidades entre as ideias de Burckhardt e o dos pensadores do romantismo alemão, como, por exemplo: a valorização da arte e, sobretudo, da poesia; a busca pela liberdade; a preocupação com a dimensão estética da escrita e a recusa aos modelos normativos das ciências. No entanto, em nenhum momento da sua obra o historiador afirma fundamentar-se nos românticos alemães para a construção das suas considerações sobre a história.

Burckhardt menciona alguns dos representantes do romantismo alemão em seus escritos, porém não o faz de forma representativa. Em uma carta para Gottfried Kinkel, de 13 de junho de 1842, o historiador critica Schelling:

eu assisti às suas aulas algumas vezes, como ouvinte, durante o período mais intenso das discussões dogmáticas, e expliquei tudo para mim mesmo da seguinte maneira: Schelling é um gnóstico no exato sentido da palavra, como Basilides. Vem daí tudo o que é sinistro, monstruoso e informe nessa parte da doutrina. Pensei que, a qualquer momento, algum monstruoso deus asiático com doze pernas surgiria bamboleando e com seus doze braços tiraria seis chapéus de seis cabeças. Pouco a pouco até mesmo os estudantes de Berlim não serão capazes de tolerar sua assustadora, absurda, intuitiva, contemplativa forma de expressão. É terrível ter de ouvir longas explicações históricas e discussões sobre o destino do Messias, epicamente apresentadas, complicadas e inteiramente amorfas. Qualquer um que possa amar o Cristo de Schelling deve ter um grande coração.

⁹² Vale ressaltar, que os românticos de Iena, que tem entre seus principais representantes Hölderlin, Novalis, Schiller e Schlegel, carregam consigo diferenças de pensamento que não devem ser desprezadas. No entanto, houve um momento em que os românticos elaboraram as suas produções escritas coletivamente e sem assinatura, na tentativa de subverter os cânones normativos. O centro do primeiro romantismo encontra-se na cidade de Iena nos anos de 1798 a 1800 em torno da publicação da revista *Athenäum*. Para maiores informações sobre o Romantismo Alemão consultar: DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

⁹³ GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. Recusa da Teoria da Mímeses pelas Teorias Estéticas na Virada dos Séculos XVIII e XIX e suas Consequências. In: Duarte, Rodrigo; Figueiredo, Virgínia (Org.). *Mímeses e Expressão*. Belo Horizonte, 2001, p. 290.

No que diz respeito a Schiller, o suíço cita-o algumas vezes *no Reflexões sobre a História Universal*⁹⁴ concordando com a opinião do filósofo em relação a imortalidade do artista e a sua capacidade de representação de uma vida elevada, que não existiria sem ele, e em sua correspondência o menciona por meio de uma de suas poesias intituladas Glocke (sino)⁹⁵.

Desta forma, a afinidade intelectual entre Burckhardt e os românticos se justificaria, somente, na medida em que o historiador encontrava-se entre aqueles que, no contexto do século XIX - como os jovens de Iena, Schopenhauer e posteriormente Nietzsche -, arriscaram-se a questionar a tradição filosófica moderna. Tradição esta, que tinha como centro final os sistemas filosóficos de Kant e, sobretudo, no caso de Schopenhauer e Burckhardt, a Filosofia da História de Hegel.

Acreditamos que o pensamento de Burckhardt estaria mais próximo do de Wolfgang Goethe, por quem o historiador nutria uma verdadeira admiração. Nas palavras de Pedro Caldas, Burckhardt nos “parece ser o primeiro historiador a apreender, em toda a sua densidade, aquele que é considerado o símbolo da Bildung: Goethe.”⁹⁶

Wolfgang Goethe fora integrante do movimento pré-romântico Sturm und Drang (“Tempestade e Ímpeto”), contudo, após entrar em contato com as obras da antiguidade clássica, em uma viagem à Itália entre 1786 e 1788, passou a constituir, nas palavras de Pedro Duarte, “certo classicismo, aparentemente em oposição aos românticos”⁹⁷. Esta contradição, no entanto, torna-se complexa, uma vez que Lessing e Winckelmann, a despeito da sua vertente clássica foram grandes referências para os românticos e na medida em que Schlegel, conforme afirma Pedro Duarte, acredita que a combinação entre o classicismo e o romantismo inauguraria uma nova perspectiva daquela que parece ser a mais alta tarefa da arte poética.⁹⁸

Burckhardt, segundo Alenxander Dru, teria usado o termo Anschauung com um significado semelhante ao de Goethe. Além disso, o escritor se propôs a

⁹⁴ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., 1961, p. 66.

⁹⁵ Carta de 10 de setembro de 1891 a Von Preen, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 397.

⁹⁶ CALDAS, Pedro. *O olhar grego: breves ponderações sobre a “História da cultura grega”*, de Jacob Burckhardt. In: Fernando Nicolazzi, Helena Mollo & Valdeir Araujo (Org.). *Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado*. Ouro Preto: EdUFOP, 2010, p. 3.

⁹⁷ DUARTE, P. *Estio do tempo*, op. cit., p. 20

⁹⁸ Ibid., p. 21.

pensar sobre a divisão entre arte e a ciência em sua *Farbenlehre* (teoria das cores), assunto presente também nas reflexões Burckhardtianas sobre a história. Conforme escreve Márcia Gonçalves:

A preocupação principal de Goethe era superar a dicotomia entre arte e ciência, de modo que seu projeto científico, realizado em sua *Farbenlehre*, é a expressão máxima da combinação da física com a poesia e com a arte em geral, com bases em uma teoria da natureza que não mais se constrói sobre um conceito mecanicista, mas holista da natureza.⁹⁹

Finalmente, segundo Pedro Caldas é possível notarmos a influência de Goethe sobre Burckhardt, a partir de uma análise da dimensão estética da cultura histórica presente no historiador. Dimensão esta, alcançada por meio da contemplação “caminho possível, mas não garantido, para a sabedoria desejada por Fausto.”¹⁰⁰

Crítico da especulação filosófica, Burckhardt acreditava que deveríamos chegar ao conhecimento através da intuição, de uma técnica mais imediata que nos “fizesse sentir a história em seu nível mais baixo” e não passasse pelas regras do entendimento e da razão. Em carta de 19 de junho de 1842, escreve Burckhardt a Karl Fresenius:

Deixei-me experimentar e sentir a história em seu nível mais baixo em vez de entendê-la a partir do ponto de vista dos princípios fundamentais. Sempre haverá por aí criaturas estranhas como eu. Os incessantes bens que jorram sobre mim pelo meio menos elevado dos sentidos imediatos já me fazem feliz além de qualquer medida, e certamente serão capazes de me levar a atingir algo ainda que não necessariamente sob a forma científica. E então, talvez, até mesmo os filósofos conseguirão fazer uso disso.¹⁰¹

A escolha de Burckhardt por uma abordagem mais direta entre o historiador e o objeto histórico, no entanto, não significa que esse contato seja pura e simplesmente empático, sem nenhuma necessidade de “reflexão.” Em seus textos, o historiador afirmou, inúmeras vezes, a importância de uma educação erudita e o dever de aprofundamento do pesquisador com relação a tudo o que se refere ao seu objeto de estudo, para que possa encontrar aquilo que o interesse em meio a infinidade de fontes históricas. Como chama a atenção Peter Gay:

⁹⁹ GONÇALVES, M. op. cit., 2001, p. 293.

¹⁰⁰ CALDAS, P. *O olhar grego*, op. cit., p. 8.

¹⁰¹ Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 165.

O emprego dos termos “intuição” ou “poesia”, por parte de Burckhardt, é de fato infeliz, pois, tal como são geralmente utilizados, eles minimizam os componentes de conhecimento e qualificação, essenciais a uma atividade fecunda da imaginação científica. A intuição dos cientistas é como uma rede lançada num lago de peixes; quanto mais vazio o lago, menos satisfatória a pesca. E, além do conhecimento, esse tipo de intuição requer formação, pois sem ela o cientista não tem como submeter seus palpites a testes adequados, nem como inseri-los em teorias existentes. O amador não verá o que o pesquisador experiente vê, e mesmo que porventura visse, não saberia o que fazer com isso. A visão científica se compõe de 90% de experiência. E, por fim, tal visão exige revisão. O palpite do cientista, ao contrário da intuição do romântico, não é infalível nem certo. Requer autocrítica e crítica de fora. A intuição precisa sobreviver a provas, antes de poder se filiar ao clube exclusivo das teorias.¹⁰²

Ademais, para Burckhardt, no processo de apreensão do conhecimento por meio da *Anschauung*, o historiador deveria se desprender de todas as suas preocupações, pois, caso não o fizesse, correria o risco de estar diante de importantes revelações mantendo apenas uma visão restrita. Na sua visão, era preciso uma sutil concentração, para que seja possível recebermos as impressões oriundas das nossas fontes. Como escreve o historiador, no estudo da história, assim como na observação da arte:

É necessário que o próprio olhar seja capaz de observar, que ele não esteja cansado por um trabalho excessivo, fechando-se às coisas do mundo visível; que ele não esteja ainda recluso no mundo único da escrita e do impresso. Essa aptidão visual transparece já na contemplação da natureza. O obtuso necessita do estímulo extraordinário e pitoresco: ele não olha mais o resto da paisagem, e esta última não age mais sobre a sua imaginação. Por outro lado, para o receptivo, toda a natureza circundante é plena de magia, que se trate de uma silhueta de montanha ou de rio, o contraste entre as flores de um pomar, a folhagem suave de uma árvore e o azul escuro dos pinheiros distantes, ou ainda o último raio de sol vespertino sobre as nuvens majestosas. Essa abertura do espírito que pode desfrutar do mínimo detalhe e sabe construir a partir do nada, saberá também servir a observação da arte.¹⁰³

Buscando superar as falhas da nossa faculdade de percepção no processo de produção de conhecimento, segundo Burckhardt, os homens deveriam procurar conservar um olhar livre dos egoísmos e das intenções subjetivas presentes na nossa individualidade. Como já colocado por Schopenhauer no *O Mundo como Vontade e Representação*, caberia ao homem se distanciar dos seus interesses,

¹⁰² GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 164.

¹⁰³ BURCKHARDT, J. *Sobre a história da arte como objeto de uma cátedra acadêmica*. In: MARTINS, E. (Org.). op. cit., p. 185.

desejos e fins, na busca por um conhecimento puro¹⁰⁴. Sobre isso, escreve Burckhardt:

(...) Já nos relatos históricos nosso desejo de conhecimento objetivo defronta-se várias vezes com uma alta muralha de intenções subjetivas disfarçadas sob os trajes de tradições que nos foram transmitidas através dos séculos. Além disso, não podemos, nós mesmos, liberar-nos totalmente das intenções da nossa própria época e de nossa maneira de ser e de pensar como indivíduos, este é talvez o pior inimigo do conhecimento.¹⁰⁵

No que diz respeito às marcas do nosso tempo, o historiador acredita que quanto mais a história se aproxima da nossa época e de nós, mais passamos a achar tudo interessante, ao passo que na realidade somos nós que estamos mais interessados¹⁰⁶. Sendo assim, ainda que não seja completamente possível, cabe ao pesquisador buscar uma forma de separar a sua faculdade de conhecimento das inúmeras intenções do presente.

O distanciamento postulado por Burckhardt, entre o historiador e o seu objeto de pesquisa se expressa, também, no que tange a história política, pois, conforme escreve o suíço: “com relação à história da Pátria estamos, constantemente, expostos à tentação de passar do terreno do conhecimento para o das intenções.”¹⁰⁷ O uso desse tipo de história de forma cega e arrogante, somente com o intuito de afirmar a superioridade de um Estado perante a outro, é criticado por ele. Para o historiador, o “estudo mais autêntico da história da Pátria será aquele que considere a Pátria como um elemento paralelo à História Universal, integrado nesse todo coeso.”¹⁰⁸

Como coloca Burckhardt, um dos piores inimigos do conhecimento objetivo é a impossibilidade humana de se desvencilhar completamente das suas intenções egoístas e utilitárias, de seus desejos e crenças, em meio a um processo de produção do conhecimento. Contudo, ainda que seja difícil, cumpre aos pesquisadores aspirar produzir um conhecimento o mais livre possível das impressões do seu tempo e da sua personalidade, para poder aproximar-se verdadeiramente do passado. No que diz respeito à história, para o suíço, é necessário que esta:

¹⁰⁴ SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*, op. cit., p. 195.

¹⁰⁵ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 18.

¹⁰⁶ Ibid., p. 18.

¹⁰⁷ Ibid., p. 19.

¹⁰⁸ Ibid.

nos deva ajudar a decifrar, ainda que numa parte ínfima, o magno mistério da vida, compete-nos passar da esfera individual e comandada pela agitação da nossa própria época a outra: regressar àquela região em que a nossa faculdade de conhecimento não seja empanada por considerações egoístas.¹⁰⁹

Esse distanciamento das considerações egoístas ocorreria, na sua visão, através da *Anschauung*, visto que talvez resultasse dessa contemplação “mais serena, feita de um ponto mais distante, um princípio de compreensão da verdadeira situação da nossa condição humana.”¹¹⁰

Partindo desse ponto de vista, Burckhardt buscava compreender a história por meio da *Anschauung* e a partir daí, tentar desenvolver um olhar desprendido das amarras do utilitarismo, do egoísmo patriótico e das intenções lançadas do presente para o passado. Como ele afirmava, segundo Caldas: “A relação do historiador com o mundo não há de ser utilitária, nem dogmática, mas antes contemplativa.”¹¹¹

4.4

Da criação da cátedra de História da Arte na Universidade da Basileia

Em 1873, Burckhardt propõe ao governo basileense a criação da cátedra de História da Arte na Universidade da Basileia. O historiador, em seu acordo com as autoridades, se compromete a manter as suas aulas de história na Universidade de Basel e a trocar as suas quatro horas de aula, no *Pädagogium*, por três horas lecionadas de história da arte na Universidade. Além do mais, ele se propõe a utilizar em suas aulas seu próprio acervo de reproduções, tudo sem nenhum ônus ao Estado.¹¹²

Mediante essas condições favoráveis, o governo da Basileia concorda com a proposta e o historiador suíço torna-se responsável pela criação da primeira cátedra de História da Arte da Universidade de Basel. Como titular dessa cátedra, Burckhardt ministra, em 6 de maio de 1874, uma aula inaugural à qual dá o título

¹⁰⁹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 18.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ CALDAS, Pedro. *A crítica conservadora de Jacob Burckhardt: uma leitura política da história da cultura*. In: Revista História e Perspectivas, vol. 1, n. 40, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu/index.php/historiaperspectivas>. Acesso em: 10/03/2014, p. 306.

¹¹² FERNANDES, C. *Jacob Burckhardt (1818-1897): Apresentação*. In: MARTINS, E. (Org.), op. cit., p. 163.

de *Über die Kunstgeschichte als Gegenstand eines akademischen Lehrstuhls* (Sobre a História da Arte como objeto de um cátedra acadêmica). Nessa palestra Burckhardt declara que a sua intenção é apresentar “uma breve iniciação à observação das obras de arte segundo as épocas e estilos.”¹¹³ Todavia, o historiador vai além, oferecendo um panorama do que ele compreende como a disciplina de história da arte, seus objetivos, “métodos” e as suas relações com a história cultural.

Para o historiador, “nós devemos falar da arte porque ela nos condiciona e nos envolve com demasiada força”¹¹⁴ e a cadeira de história da arte seria tão necessária quanto as outras, na medida em que se reconhece a importância da arte na formação geral do ser humano. Além disso, o estudo da história da arte seria tão difícil quanto o das demais disciplinas, a partir do momento em que resultasse em um verdadeiro enriquecimento intelectual. Finalmente, a sua missão, enquanto professor de história da arte, seria a de guiar e ensinar: “de educar o olho em direção ao primordial e ao importante, de encurtar caminhos.”¹¹⁵

Com base nas informações contidas nessa palestra, na leitura dos demais textos de Burckhardt, sobretudo a *Introdução a História da Cultura Grega*, o *Reflexões sobre a História Universal* e *A Cultura do Renascimento na Itália*, e nas informações presentes em suas correspondências, buscaremos compreender qual era a concepção do historiador de obra de arte e qual o tipo de relação existente, em sua visão, entre a ciência e a arte, ou entre, mais precisamente, a história e a poesia.

4.5

Da relação entre a Ciência, a Filosofia e a Arte

Para Burckhardt, as manifestações artísticas ocupariam um lugar privilegiado, pois a elas pertenceria a materialização eterna das “vibrações misteriosas da alma.”¹¹⁶ Na sua visão, os fenômenos mais extraordinários teriam a sua origem nas artes, as quais seriam ainda mais misteriosas que as ciências.

¹¹³ BURCKHARDT, J. *Sobre a história da arte como objeto de uma cátedra acadêmica*. In: MARTINS, Estevão (Org.). op. cit., p. 17.

¹¹⁴ Ibid., p. 182.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ Ibid.

A ciência, para Burckhardt, teria como função ordenar e compilar tudo aquilo que, mesmo sem a sua interferência, já existe na natureza. Dessa forma, caberia aos cientistas a exploração de regiões desconhecidas e a determinação de leis que de algum modo não poderiam ter sido desvendadas sem eles. A filosofia teria como tarefa identificar as leis superiores da vida, “leis, porém que independem da Filosofia e que portanto a antecederam, por serem eternas.”¹¹⁷ Em contrapartida, as artes não teriam como tarefa definir leis ou sistemas já existentes antes delas ou mesmo sem elas, “mas ao contrário, devem descrever ou representar uma vida mais elevada, a qual sem elas e antes delas, não existiria.”¹¹⁸

Para Burckhardt, a obra de arte poderia ser entendida como “uma exteriorização do espírito,”¹¹⁹ algo capaz de “atrair para o seu campo a quase totalidade da existência humana”¹²⁰ de elevar a sensibilidade dando-lhe uma visão do mundo. Ernst Cassirer afirma que tanto para o historiador, como para Schopenhauer, seria a arte e não a ciência que ofereceria ao homem a verdadeira visão das ideias.¹²¹

A arte e a poesia, para Burckhardt, seriam responsáveis por retirar do mundo, do tempo e da natureza imagens válidas universalmente, capazes de formar “uma segunda criação ideal, acima do conceito específico e isolado do tempo, algo terrestre e imortal ao mesmo tempo, uma linguagem válida para todos os países.”¹²² Para o historiador as artes constituiriam uma capacidade expressiva, uma energia criadora, que teria como forças impulsionadoras a fantasia e a imaginação.

Segundo Burckhardt, a maioria das pessoas acreditava que a arte existe unicamente para reproduzir ou representar a realidade material de tudo aquilo que lhe é importante. Contudo, na visão do historiador, o papel da arte seria mais amplo, a ela caberia, também, a expressão de uma vontade ideal independente dos propósitos materiais secundários que a circundam. Para ele, a arquitetura seria um feliz exemplo de arte, em que essa vontade ideal se expressaria da forma mais pura. Conforme ele escreve a verdadeira arte:

¹¹⁷ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 66.

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Ibid., p. 221.

¹²⁰ Ibid., p. 222.

¹²¹ CASSIRER, Ernst. *Historiografia Política e Historia de la Cultura*. Jacob Burckhardt. In: *El Problema del Conocimiento*. En la Filosofia e en la Ciencia Modernas. Vol. IV. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 389.

¹²² BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 66.

extrai de todos os elementos terrenos não só temas artísticos como também estímulos, vibrações artísticas, às quais se entrega de maneira completa. Ai de nós se tentarmos prender a arte rigidamente a elementos reais ou intelectuais.¹²³

Para Burckhardt, o conteúdo da arte agiria sobre algumas pessoas como objeto de reflexão e de comparação, um elemento de formação intelectual, e sobre outras, de forma mais imediata, pela potência da beleza e a força que emana das suas obras¹²⁴. Segundo o historiador, as manifestações artísticas, ainda que submetidas à fortuna do tempo, seriam capazes através de seus fragmentos de nos entusiasmar e nos aproximar espiritualmente do passado, pois conforme escreve, “a arte revela-se plenamente já no excerto, no contorno e na mera insinuação”¹²⁵.

No caso dos grandes artistas, a percepção do mistério em torno da arte, segundo Burckhardt é que nos distancia da pessoa do artista, elevando-o, como as suas obras, a altos patamares. Para o historiador, justifica-se aí o “poder mágico”, a “energia sôbre-humana” atribuída a eles e os altos preços das obras de arte originais.¹²⁶ Como ele escreve, sobre os verdadeiros artistas:

Poder revelar mundos interiores, de modo que esta interioridade retratada aja como uma revelação, constitui realmente uma das virtudes mais raras que pode possuir o ser humano. Limitar-se a reproduzir meramente o aspecto exterior pode ser feito por muitos – mas a expressão do universo interior desperta no espectador ou no ouvinte a certeza de que só um determinado indivíduo poderia ter criado aquela obra de arte e, portanto, ele é insubstituível.¹²⁷

A poesia, como foi dito, constituiria a suprema expressão artística para Burckhardt, devido a sua capacidade de criar e reproduzir realidades. Ela estabeleceria, com o seu modo de pensar e sentir, um contraste e a melhor complementação à filosofia. O historiador questiona como ficariam os pensamentos do “Prometeu” de Ésquilo, caso eles fossem expressos filosoficamente. Como resposta, diz que o texto perderia em grandiosidade, pois a escrita poética nos aproxima da sensação de desmesura e do infinito. Para Burckhardt, a poesia carregaria consigo a marca inconfundível da grandeza ao expressar os estados de almas que transcendem a alegria e a dor.

¹²³ Ibid., pp. 67-68.

¹²⁴ BURCKHARDT, J. *Sobre a história da arte como objeto de uma cátedra acadêmica*. In: MARTINS, E. (Org.). op. cit., p. 181.

¹²⁵ Ibid., p. 67.

¹²⁶ BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sôbre a História*, op. cit., p. 86.

¹²⁷ Ibid., p. 222.

Inicialmente, a partir das declarações acima, poderíamos concluir que, para Burckhardt, somente a arte nos proporcionaria um acesso ao conhecimento. Entretanto, isso não é verdade, para o historiador existiam outras forma de se obter o conhecimento, talvez não tão completas, e a história seria uma delas.

4.6

Da relação entre a História e a Arte e o estatuto da poesia

Jacob Burckhardt afirmou em sua correspondência que, para ele, a história encontrava-se mais próxima da arte - mais especificamente da poesia - que da ciência. Em carta de 14 de junho de 1842, escreve Burckhardt a Willibald Beyschlag:

Afinal, você deve ter há muito percebido a unilateral inclinação da minha natureza para a contemplação. Por toda minha vida nunca pensei filosoficamente, e nunca tive um único pensamento que não fosse conectado com algo externo. Não posso fazer coisa alguma, a menos que tenha a contemplação como ponto de partida. E, é claro, incluo na contemplação a contemplação espiritual, como por exemplo a contemplação histórica advinda da impressão que recebemos das nossas fontes. O que eu construo historicamente não é resultado de críticas e especulação, mas, ao contrário, da imaginação, que preenche a lacuna da contemplação. *A história para mim, é sempre, em sua maior parte, poesia; uma série das mais belas composições artísticas.* Portanto, não acredito em um ponto de vista a priori; este é um assunto para o espírito do mundo, não para o homem da história.¹²⁸

Dias depois, o historiador faz uma afirmação semelhante em uma extensa carta, de 19 de junho de 1842, endereçada a Karl Fresenius:

Meu juízo é a contemplação, a cada dia mais clara e direcionada ao essencial. Por natureza, agarro-me ao concreto, à natureza visível e à história. Mas, como resultado de extrair incessantes analogias entre facta (o que me ocorre naturalmente), tenho conseguido abstrair muitas coisas que são universais. (...) Os incessantes bens que jorram sobre mim pelo meio menos elevado dos sentidos imediatos já me fazem feliz além de qualquer medida, e certamente serão capazes de me levar a atingir algo, ainda que não necessariamente sob a forma científica. E então, talvez até mesmo os filósofos conseguirão fazer uso disso. (...) *Para mim a história é poesia em sua escala mais grandiosa; não me entenda mal, não vejo isso de forma romântica ou fantástica, o que não valeria coisa alguma, mas como um maravilhoso processo de transformação, como o de uma crisálida, sempre com novas descobertas e revelações do espírito.* É aí que me posiciono na praia do mundo – estendendo meus braços para o *fons et origo* de todas as coisas,

¹²⁸ Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 161. [grifo nosso].

e é por isso que a história é para mim pura poesia, que pode ser dominada por meio da contemplação. Vocês filósofos, vão além, seu sistema penetra nos profundos segredos do mundo, e, para vocês, a história é uma fonte de conhecimento, uma ciência, porque vocês vêem, ou pensam que vêem, as *primus agens* onde eu apenas vejo mistério e poesia. (...) Mas pense em mim como um artista, aprendendo e aspirando – pois eu também vivo em imagens e em contemplação. (...) ¹²⁹

Os trechos das correspondências acima, nos levam às seguintes indagações: A história realmente consistiria em uma forma de poesia para Burckhardt? A poesia poderia ser considerada uma fonte para a história? Qual seria o papel historiográfico da poesia na visão do historiador? Buscaremos esclarecer essas questões nas próximas páginas.

Em seus escritos Burckhardt não deixa dúvidas, no que diz respeito ao caráter da poesia enquanto fonte histórica. Para o suíço, a história encontra na poesia uma de suas fontes mais completas, uma vez que a poesia possibilita aos que a leem um contato com a essência das épocas passadas. Sobre a relevância da poesia como documento histórico, escreve ele no *Reflexões sobre a História Universal*:

Por esse motivo, a História encontra na poesia uma de suas fontes mais importantes e ao mesmo tempo uma das mais puras e mais belas de todas. Além disso, ela deve à poesia o conhecimento do âmago da natureza humana que esta lhe proporciona e as conclusões profundas e iluminadoras que dela se possam derivar sobre os fenômenos temporais nacionais. A poesia contém profundos ensinamentos históricos por dar-nos uma imagem daquilo que é eterno em cada época e em cada povo, iluminando todos os seus aspectos possíveis. Amiúde, a poesia constitui o único documento restante ou melhor conservado de épocas já passadas. ¹³⁰

Entretanto, se é fácil identificarmos que, na visão de Burckhardt, a poesia e não somente ela, mas as demais manifestações artísticas como, a arquitetura, a literatura, a pintura e a música, constituem-se como importantes testemunhos do passado, ou seja, como fontes históricas. Torna-se mais complexo concordarmos com a afirmação feita pelo historiador, na carta já citada, de junho de 1842 a Karl Fresenius, de que a “História é poesia em sua escala mais grandiosa.” ¹³¹

¹²⁹ Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 165 [grifo nosso].

¹³⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 75.

¹³¹ Carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 165.

No que diz respeito à relação entre a história e a poesia, afirmamos na nossa hipótese inicial, que para Burckhardt a história encontrava-se mais próxima da arte do que da ciência. Será que essa era realmente a posição do historiador?

A partir da leitura da carta para Karl Fresenius, somos levados a acreditar que para Burckhardt a história é um modelo grandioso de poesia, escreve ele “Para mim, a história é poesia em sua escala mais grandiosa”¹³². Contudo, Burckhardt complica a questão. Ao confrontarmos essa afirmação com outros textos do historiador, somos levados a ponderar a declaração.

Jacob Burckhardt afirma que se considerarmos a poesia segundo o seu conteúdo, observaremos que ela constituiu-se muitas vezes como única forma de comunicação dos povos; chegando a afirmar que a poesia “é, por si, a mais antiga forma de História.”¹³³ Para Hannah Arendt, ambos os gêneros - a história e a poesia - advêm da necessidade dos homens de dotarem suas obras efêmeras de alguma permanência no “mundo onde todas as coisas são imortais, exceto os homens.”¹³⁴ Encontrando-se na origem, tanto da história como da poesia, um denominador comum a Mnemósine, a mãe de todas as musas, que guarda a capacidade humana para recordação¹³⁵.

Sobre a querela entre a história e a poesia, Burckhardt no *Reflexões sobre a História Universal*, diz que ela foi definitivamente resolvida por Schopenhauer, uma vez que o filósofo concluiu que a poesia capacita-nos a compreender melhor a natureza humana. Para Burckhardt, desde Aristóteles a poesia era vista como algo mais sério e filosófico que a história¹³⁶, em virtude de seu poder de criação ser muito mais elevado do que o da história.¹³⁷

Ainda nas suas *Reflexões Sobre a História*, o historiador afirma que os artistas, os poetas e os filósofos teriam uma importante função: a de captar o espírito, o humor da época em que vivem e de transmiti-los, sob a forma de um documento, para as gerações que estão por vir. Como declara Octavio Paz, o poeta

¹³² Ibid.

¹³³ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 77.

¹³⁴ ARENDT, Hannah. O conceito de História – antigo e moderno. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 72

¹³⁵ Ibid.

¹³⁶ ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 115.

¹³⁷ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 74.

“revela o homem.”¹³⁸ Conquanto, no que se refere aos historiadores, ele acredita que, não obstante, os mesmos “tenham grande dose de conhecimento e revelem excelentes talentos descritivos, eles exploram somente certas esferas determinadas do mundo, não se dedicando ao reconhecimento e à formulação de leis imutáveis,”¹³⁹ ou seja, não alcançando o espírito universal.

Dessa forma, se nas suas *Reflexões sobre a História*, Burckhardt reconhece o poder de criação da poesia como maior do que o da história e alega que a função dos artistas, dos poetas e até mesmo dos filósofos, seria superior a dos historiadores, como a história poderia ser considerada, por ele, uma forma grandiosa de poesia?

Na primeira carta citada, o historiador afirma que a história “é sempre, em sua maior parte”¹⁴⁰, e não em sua totalidade, poesia. Essa sutil diferença de colocação entre as duas cartas, ainda que seja uma contradição na fala do historiador, nos auxilia a tecer algumas considerações sobre as nuances da relação entre a História e a poesia em sua visão.

Acreditamos que Burckhardt expressa melhor aquilo que considera a história, em sua primeira carta, quando diz que a “história é em parte Poesia,” uma vez que, como vimos acima no *Reflexões sobre a História*, ele reconhece as diferenças entre a história e a poesia, colocando a segunda como superior em relação à primeira.

O historiador buscava se distanciar do padrão das ciências tradicionais, procurando, em sua abordagem, privilegiar os fatos essenciais do passado por meio da intuição e da contemplação. Poderíamos dizer, que para além de uma afinidade entre a história e a poesia, o suíço também trabalhava com a relação entre a história e as ciências tradicionais. Dentro desse âmbito, acreditava que a história estaria mais próxima da arte que da ciência. Nesse sentido, uma grande parte da história, em sua visão, seria arte, ou mais precisamente poesia, mas para além do seu caráter de criação, esta também carregaria consigo um compromisso com os fatos do passado.

¹³⁸ Afirma Octavio Paz: “O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem.” Paz, Octavio. *Signos em rotação*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 55.

¹³⁹ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 220.

¹⁴⁰ Carta de 14 de junho de 1842 a Willibald Beyschlag, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 161.

Dessa forma, a história seria arte em grande parte do tempo, mas não no seu todo. Como escreve Peter Gay, apesar da contradição apresentada pelo historiador, “Burckhardt reconhecia que a poesia e a história constituíam gêneros distintos”, na sua visão, “a semelhança entre ambas residia principalmente no seu alcance para o conhecimento.”¹⁴¹ Para Burckhardt, a história e a poesia, dividiriam uma linha marcada pelo acesso a imaginação e a intuição (Anschauung), como registra Peter Gay, para o suíço “ambas atribuem o máximo valor ao conhecimento intuitivo direto, a Anschauung, a apreensão intuitiva e contemplativa da realidade.”¹⁴²

Podemos observar isso no modo como o historiador define, em uma carta, o seu ofício. Burckhardt afirmava se ver como um artista ou um poeta, sempre aprendendo e aspirando algo.¹⁴³

No entanto, Burckhardt, ao se referir à história, parece se pautar em sua própria prática. Será que ele acreditaria que a história Hegeliana e positivista também carregaria consigo a sua dose de poesia? Provavelmente não. Contudo, na impossibilidade de averiguar tal resposta, vamos nos restringir a afirmar somente que Burckhardt acreditava que a História, sobretudo a história cultural, se aproximava da poesia em relação aos seus “métodos”, à sua maneira de chegar ao conhecimento e a sua abertura para sentirmos, nas palavras do historiador, o espírito das épocas ou dos povos do passado.

Isto posto, buscando responder a nossa hipótese inicial, acreditamos que para Burckhardt a história, como ele a concebia culturalmente, situar-se-ia mais próxima da arte e da poesia, que da ciência. E que o seu papel, enquanto historiador-artista, seria através da Anschauung (contemplação intuitiva), apreender o conhecimento do passado e através de suas obras e aulas contribuir para a sua transmissão e preservação.

Dito de outra forma, a história seria a arte e Burckhardt seria o artista que traria à tona os mistérios do passado para o mundo. É no seu amor pelas artes, pela poesia e pela história que Burckhardt fundamenta a sua abordagem histórico-

¹⁴¹ GAY, P. *O Estilo na história*, op. cit., p. 160

¹⁴² Ibid.

¹⁴³ (...) Mas pense em mim como um artista, aprendendo e aspirando – pois eu também vivo em imagens e em contemplação (...). Trecho da carta de 19 de junho de 1842 a Karl Fresenius, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 166.

cultural e compreende a História como uma Obra de Arte. É na sua grandeza para desvendar esses mistérios, que ele se torna único.